

Casamentos Mistos

Gerd Uwe Kliewer

Um jovem casal vem procurar-me. Ele é católico, de origem italiana. Ela é evangélica, de origem alemã. Uma combinação muito freqüente na minha paróquia. Casaram no civil, há meio ano. A primeira filha nasceu poucos meses depois do casamento. O problema deles é o batismo da criança. Segundo a norma entre os colonos gaúchos, o homem define a "religião" da família. Portanto, a jovem esposa deve "virar de religião". Ela estava disposta a fazer isso. É necessário explicar que o padre local realiza o casamento religioso somente depois da passagem do parceiro evangélico para a igreja católica. Ele realiza uma cerimônia especial antes do rito do casamento para marcar essa passagem. Nesse caso criou problemas. Exigiu que a jovem esposa passasse pela crisma, após fazer o curso correspondente. Ela sustentou que a sua confirmação equivalia à crisma. Estava disposta a filiar-se à igreja católica, para estar junto com seu marido, mas não vê motivo de renegar a sua fé evangélica. Afinal, ela é cristã e passou por todos os ritos necessários para tal; das diferenças entre a igreja evangélica e a católica nem ela, nem o marido entendem muita coisa. Deus é um só, os ritos são semelhantes ("quase a mesma coisa"), qual a necessidade de uma redoutrinação e novo rito de passagem? Resultado: O padre não realiza o casamento na igreja, em parte, também, porque na jovem esposa, na época em que pedem o casamento, já se manifesta o estado adiantado de gravidez. Quando nasce a filha, o padre nega-se a batizá-la. Pela lei canônica, os dois não são casados. Ele só batiza, se os dois casam na igreja. Ele mantém as exigências antes levantadas para realizar o casamento. Mas o casal já não mais quer submeter-se. Amigos sugerem que eles tentem com a igreja evangélica. Talvez o pastor resolva o problema? Assim eles chegam a mim.

Explico a eles que posso batizar somente crianças de pais que são membros da comunidade evangélica local, conforme orientação do Conselho Paroquial. Eles já decidiram que querem filiar-se à comunidade. Sugiro que falem com o presidente da comunidade, pois a decisão sobre a admissão cabe ao presbitério da comunidade. E o casamento na igreja e o batismo? Procuro mostrar-lhes que a doutrina da nossa igreja referente ao matrimônio é diferente. O casamento não é sacramento. O matrimônio constitui-se no Registro Civil, com todos os direitos e deveres, também perante Deus; o "casamento na igreja", a bênção matrimonial, é um culto que se realiza junto com a comunidade para pedir a bênção de Deus e o apoio da comunidade para o matrimônio constituído. Deixo claro para eles que a bênção matrimonial não é reconhecida como casamento pela igreja católica. Mas para a igreja evangélica, eles são legitimamente casados, também sem a bênção matrimonial.

Para concluir o relato do caso: O presbitério aceitou com alegria mais um membro, pois a comunidade é pequena. Não fiz depender o batismo da criança da realização da bênção matrimonial (com que argumento teológico poderia-se fazer isso?). Batizei a criança e deixei a decisão para eles, se ainda queriam receber a bênção matrimonial. Não exigi do marido uma declaração de conversão, mas tive uma série de encontros com ele, nos quais estudamos o "Nossa fé, Nossa vida". Depois desses encontros, foi oficialmente admitido à comunidade, em culto. O casal agora é membro da comunidade e participa da vida comunitária. Até hoje não pediram a bênção matrimonial e provavelmente não o farão.

Homem não vira

O caso acima mostra as complicações nas quais pode envolver-se um casal, cujos componentes vêm de igrejas diferentes. Mesmo assim, a diferença de "religião" de um casal não é mais visto como um empecilho pelos jovens. Em geral, os noivos só descobrem que pode surgir um problema no campo religioso, quando estão prestes a casar. E nessa hora não há mais muito tempo a perder, pois, via de regra, a noiva está no segundo ou terceiro mês de gravidez e as coisas têm que acontecer depressa, para poder salvar as aparências. A questão religiosa, a que igreja o casal deve filiar-se ou se cada um fica na sua, é resolvida então sem

muita reflexão, segundo as normas tradicionais e em função do casamento religioso.

Que a "religião" não apresenta mais uma barreira na escolha do parceiro é evidenciado pelos casamentos registrados no livro de registro de ofícios da Paróquia de Canarana: Do total de 34 casamentos registrados, 18 são de casais mistos (evangélico x católico), 14 de casais evangélicos, 2 outros (1 presbiteriano x evangélico, um casal onde ambos eram católicos).¹ A maioria dos jovens, quando começa a namorar, não pergunta pela "religião". Só num caso, dos 14 casamentos realizados em 1983/84, os dois parceiros vinham da igreja evangélica. (IECLB). Outros 4 casais eram formados por evangélicos de origem diferente, pois um dos parceiros vinha de uma igreja pentecostal, outro da presbiteriana, e dois da igreja Missouri (IECLB). Os restantes nove casais eram composições católico evangélicas. Os números mostram que a incidência de casamentos mistos tende a aumentar.

Aliás, também a barreira étnica na escolha do parceiro está caindo. Dos 34 casamentos acima mencionados, somente 18 são de uma dupla de origem alemã, 10 combinam alemão com italiano, 5 alemão com luso, e o último é um caso especial para os padrões da comunidade evangélica, pois os dois são morenos. A opinião pública reinante entre a comunidade evangélica ainda prefere que o jovem ou a jovem case com parceiro evangélico de origem alemã, mas não insiste no evangélico e aceita sem muito problema a união com alguém de origem italiana ou luso-branco. Casamento com pessoa de cor, porém, não é aceito.

O povo resolveu o problema do casamento misto à sua maneira. A solução pode ser resumida na afirmação que muitas vezes se ouve de rapazes e homens: "Homem não vira". Mulher, porém, tem que "virar", mudar de "religião". Consoante o padrão de que "quem manda em casa é o papai", o macho define a "religião" da família. A tese de que é contra a dignidade do homem passar para a igreja da esposa é sustentada com muita ênfase ainda por aqueles que pouca convivência têm com a sua igreja e pouco sabem das suas doutrinas. Homem que se deixa dobrar pela sua

(1) Em seu relatório de trabalho para o exame Pró-Ministério o P. Hermann Wille, da Paróquia de Santo Amaro em São Paulo, informa que os casamentos mistos realizados na paróquia perfaziam 88 % do total em 1980, e 86 % em 1981/82. Suponho que se encontrará situações semelhantes na maioria das paróquias da IECLB.

noiva ou esposa perde o conceito perante os seus colegas de sexo. Um matrimônio misto, onde os parceiros pertencem a igrejas diferentes, não é considerado uma opção possível. Conforme a compreensão do colono sulista, uma pessoa não é membro da sua igreja individualmente, mas em família, através do chefe da mesma. É o chefe da família que paga a contribuição e adquire com isso o direito de atendimento religioso para toda a família. Mas só na "associação" à qual ele mesmo pertence. Adquirir o direito de atendimento religioso para a esposa em outra igreja seria uma despesa dupla.

Parece tudo claramente definido; na prática, porém, há muitos outros fatores que influem na decisão sobre a igreja à qual o casal pertencerá. Nos 18 casamentos mistos da Paróquia de Canarana, em três o homem acompanhou a esposa para a sua igreja. Na verdade, acontece uma luta, uma barganha, na qual, dependendo das circunstâncias, a moça (e a sua família) podem levar a melhor. Quando a moça e a sua família são membros fervorosos da sua igreja, enquanto que o rapaz tem pouca relação com a sua, então possivelmente ele pode ser levado a ceder. Quando a moça tem uma família grande e honrada no local, enquanto que o rapaz está sozinho e tem um status social inferior, então ele poderá ser dobrado mais facilmente. A moça estando grávida, o seu poder de barganha diminui. Mas se o rapaz teve que lutar muito para convencer a sua noiva a casar ou a conceder-lhe a convivência, então a última leva vantagem. A resistência dos pais influi bastante. A disponibilidade do pastor ou padre é outro fator que influencia a decisão. Na época em que em Canarana não havia pastor residente, mas havia padre, houve vários casos de rapazes evangélicos que passaram para a igreja católica. O argumento "Não tem pastor" enfraquece muito o lado evangélico, enquanto que a presença dele pode ser usada para exercer pressão sobre o padre, para que este não coloque exigências descabidas. Por último, há também o aspecto financeiro a considerar. Uma anuidade alta pode assustar aqueles casais que têm pouca convivência comunitária. Geralmente a anuidade é mais alta na comunidade evangélica, assim que ela está em desvantagem. Uma comunidade viva e ativa, porém, conseguirá compensar essa desvantagem.

Apesar da influência desses fatores, a regra ainda é que a moça acompanha o rapaz para a sua igreja. Para as moças evangélicas, isso significa que elas muito provavelmente não ficarão

na sua igreja. Os evangélicos são uma minoria; as chances de casar com um rapaz evangélico, estatisticamente, são reduzidas, talvez de 20 a 30% na minha paróquia. As moças sabem disso, e talvez é por causa disso que elas evitam envolver-se demais com a sua igreja. Às vezes tenho a impressão de que elas sentem a definição muito clara da sua posição religiosa como um perigo para as suas chances de casamento, como uma redução das possibilidades de escolha de um parceiro. Para a moça, a situação religiosa se define somente no casamento, não na confirmação.

"Evangelização" através do casamento

Os rapazes evangélicos, por sua vez, trazem moças católicas para dentro da comunidade evangélica. Como estas se integram? Como elas se sentem como "convertidas"? Na verdade, não há nenhuma conversão. Elas acompanham o marido; tornam-se evangélicas pelo casamento, não por convicção. A comunidade evangélica aceita-as sem qualquer exigência. Não exige uma declaração de conversão, se o pastor não insiste nisso. O próprio casamento é considerado como admissão à comunidade. E qual seria o sentido de fazer um curso especial com elas e um rito especial de admissão? No diálogo preparatório do casamento geralmente se descobre que a moça tem mais conhecimentos de fé cristã; o rapaz geralmente não sabe, por que é evangélico e o que isso significa em termos de fé e doutrina. É evangélico por acaso, por nascimento. Além das diferenças mais acentuadas, como a rejeição da adoração de Maria e o uso do Vinho na Santa Ceia, pouco ele sabe das doutrinas específicas da sua igreja. Por que então exigir da noiva algum conhecimento que o noivo, que é evangélico, não tem, antes de aceitá-la como membro? Claro, depois se fará todo esforço para que ela, através da participação na vida comunitária, se conscientize da doutrina da igreja a que agora pertence.

Como integrar as esposas católicas?

Conseguir a integração das esposas católicas não é fácil. A jovem esposa tornou-se evangélica por obrigação. Não quis tornar-se evangélica, quis casar. Está consciente de que perdeu os direitos na sua igreja, mas não sente que os direitos adquiridos na igreja do marido possam substituí-los. Assim, o desligamento da sua igreja original funciona muito bem; a integração à nova igreja, nem tanto. O marido, na maioria dos casos, dá pouca ajuda.

Poucos maridos de esposa de origem católica freqüentam a igreja regularmente. Parece haver uma tradição entre os evangélicos de que o rapaz, depois da confirmação, se afasta da vida comunitária e só volta na hora do casamento. Então ele se torna membro contribuinte e, se tudo der bem, começa a participar de novo. Mas se a sua esposa não puxa para a igreja, então ele facilmente ficará afastado. Seria esperar demais das esposas ex-católicas que incentivem os seus maridos a uma participação maior na vida comunitária da sua igreja (mas há casos, onde isso acontece). Entre os 18 casais mistos registrados no livro de ofícios da Paróquia de Canarana, não pude observar em nenhum caso um esforço especial do marido no sentido de ajudar a sua esposa a ambientar-se na comunidade evangélica. Num caso, a própria jovem esposa decidiu que realmente queria tornar-se evangélica, já que fora obrigada a “virar”, devido ao casamento, e por iniciativa própria participou de todas as atividades da comunidade. Mas, ressaltadas as exceções alentadoras, pode-se dizer que o casamento misto resulta antes em afastamento do casal da vida comunitária do que em aproximação.

Não haveria outros meios de integrar as esposas de origem católica? Em nossas comunidades geralmente a participação das senhoras é mais intensa que a dos homens. Elas tem a Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas (OASE) que não tem paralelo no lado masculino. Em grupos de Estudos Bíblicos geralmente predominam as mulheres. A OASE ou outros grupos não serviriam de elemento de integração? De fato, se o pastor ou outras senhoras conseguem atrair a jovem esposa a um desses grupos, a integração se tornará mais fácil. Mas os grupos tradicionais, p. ex. na Paróquia de Canarana, parecem ter mecanismos ocultos de rejeição. Convidam, sim, mas não conseguem segurar as recém-chegadas. Elas vêm uma, duas vezes e não mais. Geralmente são as senhoras de mais idade que se reúnem na OASE, muitas vezes ainda saudosas da “Frauenhilfe” em alemão. Como uma jovem senhora de origem italiana poderá sentir-se animada a freqüentar um tal grupo?

Mães católicas de filhos evangélicos

Parece-me que são poucas as chances das esposas de origem católica de se conscientizarem do conteúdo da fé da igreja do seu marido, se elas mesmas não fazem um esforço. Sabe-se que a

vida religiosa da família repousa muito mais sobre a religiosidade da mãe do que da do pai. É ela que ensina as orações, é ela que nos discursos do dia a dia lhes transmite conceitos religiosos, é ela que incentiva os filhos à participação religiosa. O que ensinarão as mães ex-católicas aos seus filhos? Ou deixarão de ensinar? Não disponho de dados a respeito, mas suponho que passam aos filhos a religiosidade apreendida no seu ambiente católico. Não é questão de condenar essa religiosidade; o problema que eu vejo é que essa religiosidade, na situação em que a mãe se encontra, está destituída dos seus elementos de prática e vivência eclesásticas. Os filhos, quando muito, desenvolverão uma piedade desligada da vida comunitária.

E como se sentem as mães ex-católicas? Parece-me que muitas sentem que traíram o seu compromisso de fé com a sua igreja, estranham o ambiente novo e sentem-se inibidas. Como solução muitas vezes se oferece a rejeição da vida religiosa a um segundo plano. Para abafar a voz da consciência, minimiza-se a importância do fator causador do dilema. A prática religiosa é reduzida a um mínimo considerado necessário (batismo, confirmação, Santa Ceia uma vez por ano). Assim, o casamento misto torna-se um forte fator de secularização.

Um exemplo de como predominam as tradições trazidas pela mãe ex-católica observa-se na Semana Santa. Para o evangélico, a Santa Ceia na Sexta-Feira-Santa é uma obrigação. A igreja católica, porém, não celebra missa nesse dia. Uma igreja evangélica está cheia na Sexta-Feira-Santa, mas pouco visitada na Páscoa. Mesmo assim, observei em Canarana uma participação considerável no culto do Domingo da Páscoa, e descobri que eram principalmente os casais mistos que vinham à igreja neste dia, e que não vieram na Sexta-Feira-Santa.

A transmissão da "fé evangélica" — quero designar assim o conjunto de convicções e práticas religiosas próprias do colono evangélico de origem alemã — de uma geração para a outra não funciona mais, pois o principal agente dessa transmissão, a mãe, na maioria dos casos, vem de outra tradição, e a escola evangélica, o segundo agente transmissor da fé evangélica no passado, já deixou de existir para a maioria dos evangélicos há mais de uma geração. Já hoje, e sempre em maior grau daqui em diante, o evangélico participa da religiosidade popular vigente no meio do colono do sul, no qual predomina o elemento católico, mas que

também absorveu elementos de fé evangélica (p. ex., pouca ênfase na veneração aos santos). Os casais mistos, para evitar conflitos, ainda tenderão a acentuar as semelhanças da sua religiosidade e a negar as diferenças existentes. Muito facilmente os filhos educados nessas famílias não entenderão mais o sentido das diferenças confessionais. Chega-se a uma situação, em que os jovens fazem as suas escolhas conforme a conveniência. Se tem padre, e não tem pastor, o casal torna-se católico. Ou escolhe a igreja mais simpática e bonita.

Considerações inconclusas

As minhas anotações sobre o problema dos casamentos mistos partem das observações feitas na Paróquia de Canarana, cujos membros são predominantemente colonos. Provavelmente o problema não se apresentará da mesma maneira nas paróquias urbanas ou nas colonizações antigas no sul do país. Mas suponho que de uma ou outra maneira ele se manifesta em todas as comunidades da nossa igreja. Não dá para generalizar as minhas observações, mas me arrisco a tecer algumas considerações que podem ajudar a refletir sobre o problema:

1 — A nossa igreja sempre se considerou uma “*Volkskirche*” (igreja popular, no sentido de recrutar os seus membros por um sistema inclusivo, não seletivo); como tal, ela se apoiou num conjunto de padrões religioso-culturais transmitido de uma geração para outra, a acima mencionada “fé evangélica”. Esta base de “fé evangélica” está se deteriorando, e um fator muito importante para essa deterioração é o casamento misto, apesar de não ser o único.

2 — Pode-se dizer, naturalmente, que é bom que desapareçam as barreiras confessionais e deixar o barco correr. Neste caso, o problema dos casamentos mistos é passageiro, pois se resolverá com a amálgama geral das tradições religiosas católicas e evangélicas. Mas será que esta acontecerá? O que observamos, é antes uma atomização do campo religioso.

3 — A igreja — ou o pastor? — quer membros conscientes da sua confissão e engajadas com a igreja. Quais são as chances de consegui-los no contexto dos casamentos mistos e o que a igreja pode fazer neste sentido? Acho que o único recurso ainda são os grupos que existem na comunidade (OASE, jovens) ou os que se consegue criar com trabalhos especiais (grupos de casais).